

1. Como foi o processo de intercâmbio desde a informação, passando pela documentação, processo de seleção (se houve), aquisição da bolsa e hospedagem, além dos preparativos para a mudança?

Desde 2006 eu estava italiano no Centro de Línguas da Ufes, como uma bolsa para alunos que estagiavam voluntariamente na universidade, que era meu caso. No ano de 2007, soube de uma iniciativa bem específica, mas a qual eu me enquadrava – a Provincia Autonoma di Trento, na Itália, oferecia bolsas de estudo para graduação e mestrado para pessoas que descendessem de emigrantes daquela província italiana. Era meu caso. Me preparei e apliquei para a bolsa, e ao mesmo tempo, para a matrícula na universidade, o que incluía preparar os documentos, fazer tradução juramentada, legalizá-los junto ao Consulado Italiano, manter contato com a universidade etc. Contudo, nesta primeira tentativa não fui admitido para a bolsa pois os Correios atrasaram a entrega dos documentos. Tive mais tempo, me preparei melhor, aperfeiçoando o idioma, amadurecendo pessoal e profissionalmente, e, em 2009, me recandidatei novamente. Fui aprovado preliminarmente, mas ainda precisava viajar até a Itália para sustentar outras duas provas lá – de proficiência do idioma para a bolsa, e de acesso ao mestrado com prova específica na universidade. Nos preparativos para a mudança, tomei uma dura decisão – me exonerar do serviço público, pois àquela altura eu já era concursado e trabalhava no aeroporto de Vitória, na Infraero.

2. Chegando ao país de destino, como foi a recepção das pessoas a você?
A recepção foi conforme já esperava. Ao estudar um idioma, aprendemos também a cultura do país de origem. Eu já esperava, portanto, que os italianos fossem mais reservados, especialmente os do Norte, justamente onde moraria, na fronteira com Áustria e Suíça. Antes da partida já havia me preparado mentalmente para dificuldades de comunicação e cultura. As pessoas são solícitas, mas protocolares. Só à medida que o tempo passa e a aproximação cresce, é que se consegue adentrar na comunidade, e após isso acontecer as portas se abrem. Creio, amparado pelas observações de minhas andanças pelo mundo, que este na verdade seja um processo comum a mais países e culturas. A Università di Trento, onde estudei, oferece muitas facilidades para os estudantes, principalmente os estrangeiros. Apesar de considerada de pequeno porte entre as universidades do país, dispõe de muitos recursos pelo fato de estar situada numa província autônoma, e por conseguinte, oferecia uma ampla gama de serviços voltados a facilitar a adaptação dos estudantes, como o Welcome Office, por exemplo, um escritório para promover encontros, palestras, viagens e que ainda ajudava a desvendar a burocracia italiana para os newcomers.

3. Com quais aspectos da cultura do país destino você se identificou? Quais causaram estranhamento?

A Itália é um país fantástico, que se autointitula, e eu concordo, como *il Belpaese*, o país bonito. Para isso contribuem as belezas naturais, de mar e montanha, a riqueza arquitetônica e arqueológica únicas, com poucos pares no mundo. Há muito o que fazer, ver, aproveitar, sendo a culinária um capítulo a parte. A forma como lidam com o tempo livre e com o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal é algo pedagógico. O *slow-food* e o *Dolce far niente* surgiram como conceitos através da observação do estilo de vida deles. Os estranhamentos foram poucos, mas existiram, principalmente no que tange a relação entre professores e alunos na universidade.

Em geral, foi muito bom aproveitar esse período vivido no país que algumas fontes citam como de maior influência cultural do mundo – desde o renascimento (na Itália pré-unitária) até a contemporaneidade, com o país liderando áreas como gastronomia, turismo, moda, estilo e arquitetura, setores econômicos como agroalimentar e automobilismo, esportes, maior número de sítios declarados patrimônios da humanidade etc.

4. Qual tem sido o aproveitamento do curso em sua vida estudantil/profissional e social?

Durante os três anos vividos lá, conheci gente do mundo inteiro. O ambiente era muito internacionalizado. Cito um exemplo – no meu pavimento do edifício do alojamento, entre os 24 quartos havia 18 nacionalidades. Inglês e italiano eram línguas francas. Viver na diversidade me tornou mais aberto, plural e empático. Convivi com refugiados, pessoas em situação de extrema vulnerabilidade, ou ainda, vindos de países com questões internas muito urgentes. Isso me fez refletir sobre o Brasil e a brasilidade, e o quanto o Brasil tem a ser aclamado por nós brasileiros, bem como pode ensinar ao mundo. O curso na universidade foi bem puxado, a carga horária era alta e as provas, além de difíceis, eram geralmente orais e em sessão pública. Muitos colegas brasileiros sucumbiram ao modelo, mas eu, que me considerava vindo de uma boa formação superior na Ufes, consegui atingir meu objetivo - me formar. Minha bolsa de estudos era muito generosa, e no decorrer nos anos me permitiu viajar por toda a Itália, pela Europa e ainda pelo norte da África, Oriente Médio, Turquia asiática e Rússia. As experiências vividas, as pessoas conhecidas e o conhecimento adquirido deixaram marcas indeléveis em minha vida. Retornei ao Brasil no decorrer de 2012, e minha vida nunca mais seria a mesma. Como reconhecimento a tudo que me foi proporcionado, aceitei em 2021 ser um dos embaixadores da Província Autônoma di Trento no Brasil, representando aqui a terra de onde no passado meus antepassados emigraram, mas que mais de um

século depois me acolheu e formou parte importante de quem sou. Atualmente, represento aqui a província e seus projetos e interesses econômicos, sociais e culturais, sendo parte de uma rede global de 15 pessoas que fazem o mesmo, da Patagônia ao Canadá, da Austrália a Berlin.

Na minha prática profissional como professor de Geografia, valorizo essas experiências, preparando os alunos para viver e interagir num mundo que é dinâmico, plural, em que há oportunidades, mas que ainda é muito desigual.



Nas muralhas medievais da cidade de Venzoni, na região Friuli-Venezia-Giulia, feriado de Páscoa de 2010.



Em frente à Catedral de São Basílio, na Praça Vermelha, em Moscou, Rússia, 2011.



No Museu da Aeronáutica Russa, em São Petersburgo, Rússia, 2011.



Numa visita às Dolomitas, montanhas italianas pré-alpinas, na mesma região onde morei, 2010.



Nos primeiríssimos dias vivendo na Itália, na Praça Duomo de Trento, em frente à Fontana di Netuno, 2009.



Vista panorâmica de Trento a partir do Museu do Castelo Buonconsiglio, 2009.



Jantar com amigos brasileiros e italiano, Trento, em 2010.



Em frente à Basílica de São Pedro, Vaticano, 2009.



Por uma rua qualquer de Roma, 2009.



Formado na Università degli Studi di Trento em Planejamento do Território , 2012.



Com o diploma de mestrado, Trento, 2009.